

TÍTULO: A CONSTRUÇÃO DRAMATÚRGICA DA CENA PERFORMANCE “A MALA PANDORA APRESENTA: MUGIGANGA, UMA ESPERANÇA!”

Luana Coelho Rocha¹

RESUMO

A presente pesquisa analisa a dramaturgia da cena/performance, *A mala Pandora apresenta: Mugiganga, uma esperança!*, explanando o desenvolvimento e a construção da concepção cênica, que a cada apresentação vai se tornando mais complexa. Sendo essa complexidade sinônimo de diversidade, que vem de temáticas como a travestilidade, negritude, palhaçada, arte do circo, a magia ancestral, a dança e a música. Seu roteiro, todo musical, traz as vozes de Renata Rosa (2008), Gloria Groove (2021), Liniker (2019), Santina (2019), Linn da Quebrada (2019) e Urias (2019), resultando assim na produção e criação de uma personagem Palhaça/*Drag Queen* Mugiganga, que, acompanhada da mala Pandora, apresenta um espetáculo que fala sobre a vivência Travestigener e Preta em relação ao afeto.

Palavras chaves: Travestilidade, Processo Criativo, Diário de Bordo, Palhaçada, Circo Negro.

¹ Autora. Graduada da Licenciatura em Teatro da *Universidade do Estado da Bahia - UNEB*, Campus VII, Senhor do Bonfim - BA; Estudante do curso técnico de nível médio em Dança pela Fundação Cultural do Estado da Bahia; foi integrante do projeto de extensão *Café Preto - Rua, Rede, Palco e Picadeiro* e do *Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID* de Circo e Teatro Negro, ambos sob a coordenação do Professor Reginaldo Carvalho; do *Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro - GruPANO*; do CIN Grupo de Pesquisa e Extensão em Circo Negro e Comichidades Negras.

RESUMEN

La presente investigación analiza la dramaturgia de la escena/performance, *La maleta Pandora presenta: ¡Mugiganga, una esperanza!*, explicando el desarrollo y la construcción de la concepción escénica, que se vuelve más compleja con cada presentación. Esta complejidad es sinónimo de diversidad, que proviene de temas como la travestismo, la negritud, la payasada, el arte circense, la magia ancestral, la danza y la música. Su guion, totalmente musical, cuenta con las voces de Renata Rosa (2008), Gloria Groove (2021), Liniker (2019), Santina (2019), Linn da Quebrada (2019) y Urias (2019), lo que da como resultado la producción y creación de un personaje, la payasa/drag queen Mugiganga, que, acompañada de la maleta Pandora, presenta un espectáculo que habla de la experiencia travestigenera y negra en relación con el afecto.

Palabras clave: Travestismo, Proceso Creativo, Diario de Bordo, Payasada, Circo Negro.

INTRODUÇÃO

Apresento com esse trabalho, uma análise da dramaturgia *A mala Pandora apresenta: Mugiganga, uma esperança!*. Sendo a luz dessa pesquisa a análise da concepção cênica, que veio sendo desenvolvida através de modificações que ocorreram no decorrer de cada apresentação. Usando um diário de bordo como guia para analisar a maturação dessa construção, apresento um pouco de como cheguei ao resultado de uma cena de dezessete minutos que se desenvolveu a um espetáculo de quarenta minutos. A maturação da cena se deu a partir de seis apresentações que ocorreram em diversos eventos, saraus, festivais, seminários e o *Terça Cênica*, Projeto de Extensão regular do Curso de Licenciatura em Teatro da UNEB, Campus VII, Senhor do Bonfim - BA.

Dentro da construção dramaturgica, busco desenvolver uma criação que envolve uma diversidade de técnicas para ter uma corpa (NASCIMENTO, 2017) com desenvoltura e preparo físico para improvisar, criar e repetir, sobre um roteiro musical

pré-determinado. Sendo assim, o texto dramatúrgico foi o último a aparecer. Antes, veio a construção da personagem, uma palhaça/*drag queen*.

Mugiganga é a expressão de uma esperança, mas também de uma travesti que é vista como um ser grotesco (BOLOGNESI, 2003) (NASCIMENTO, 2021), uma mulher diferente, uma mulher que não nasceu de um ventre, mas sim de uma produção de si, como trata Nascimento (2021), onde as corporalidades trans são produzidas por elas mesmas. Mugiganga é esse ser que sai de dentro da Mala Pandora, e vem mostrar ao mundo o amor pelo prisma de uma Travesti. Pandora, dentro da mitologia grega, é a primeira mulher mortal criada por Zeus, após Prometeu ter roubado o fogo que era proibido aos homens. Sendo ela uma presente de Zeus, aquela que tem todos os dons e qualidades da humanidade, e carrega consigo uma caixa contendo todos os males para a humanidade e uma única virtude, a esperança. É a partir dessa mitologia que expresseo o surgimento da mala (Pandora), que vem acompanhada de uma esperança (Mugiganga).

A partir do uso de técnicas circenses, dança, da performance e rituais afro-índigenas, desenvolvi um roteiro de ensaio acompanhado de um diário de bordo, para acompanhar o desenvolvimento dos treinos que envolve exercícios focados na construção de um tônus físico, a partir de da pratica de técnicas e atividades circenses (BORTOLETO, 2010), da dança vogue, ballet clássico, dança contemporânea, jazz, um ritual e a magia que acontece em cena e nos treinos (BARBOSA, 2016), com um cenário em picadeiro, elementos representativos das seis pontas de uma estrela e músicas que são cantadas por personalidades femininas (cis, drag queen, mulheres trans/travesti).

O roteiro é construído a partir da narrativa do afeto e da ancestralidade, para que possa resultar na estética cênica apresentada e que, por fim, chega-se o resultado, que é a união de tudo isso e mais o apoio daquelas pessoas que estão ali para ver, ouvir e apreciar o trabalho de uma Travesti Preta.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Aqui trago a luz as pessoas, grupos e fundamentos que irão me ajudar pensar e analisar a construção cênica e dos laboratórios, sendo um estudo que é referenciado na vivência que eu uma Travesty preta de classe média, tive durante a minha formação. Trago a priori os grupos que faço/fiz parte sendo o GruPANO - Grupo de Pesquisa e

Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Baiano, o LabCirco - Laboratório de Estudo, Pesquisa e Extensão em Artes do Circo, o NEDU Bahia - Núcleo de Estudo em Danças Urbanas, GineCirco - Grupo de circo de mulheres do sertão Baiano, Bellet Cynthia Ramos, Grupo IJELU, Projeto Café Preto e o Festival de Circo negro do Brasil. Como locais onde desenvolvi os processos de conhecimentos referenciados nas práticas das artes da cena.

Trago como arcabouço teórico de pessoas trans e pretas, para me ajudar nessa análise. A travesti Letícia Nascimento *Transfeminismo* (2021), que vai me ajudar a pensar um pouco sobre a construção dessa subjetividade trans*. Para a discussão de raça, trago Castiel Vitorino Brasileiro com *Quando o sol aqui não mais brilhar: a falência da negritude* (2022), obra na qual ela vai discutir a reflexão da autoestima preta e como que isso ainda está muito atrelado à uma imagem da branquitude no negro.

Para a construção estética e técnica, trago a reflexão a partir de Bolognesi, na obra *Palhaços* (2003) e Bortoleto, em *Atividades e Técnicas circenses* (2010), para pensar essa construção a partir da arte circense. E no pensar de uma teoria de teatro ritual evoco Fernanda Julia com *Ancestralidade em cena: candomblé e teatro na formação de uma encenadora* (2016).

METODOLOGIA

Analizando a construção da dramaturgia, busco elucidar ao leitor/a toda a trajetória que tive para montar o espetáculo *A mala Pandora apresenta: Mugiganga uma esperança!*. Sendo um roteiro vivo e que foi se modificando a cada apresentação, passando pela transmutação de *Equilíbrio*, apresentado no Primeiro Sarau do Curso de Licenciatura em Teatro da UNEB (2022); *Equilíbrio e Reforma*, retorno do projeto *Terça Cênica* (2022) e no *Sarau Halloween* da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (2022); *Pandora Mugiganga*, apresentada no último dia do *Terça Cênica* de 2022 (2022); *Pandora Mugiganga, uma esperança!*, apresentado no *II Congresso de Extensão Universitária da UNEB - CEU* e no *II Seminário Internacional de Pesquisadores do Circo*, realizado pela UFBA (2023); e, finalmente, *A mala Pandora apresenta: Mugiganga uma esperança!* que foi apresentado no dia da defesa do meu Trabalho de Conclusão de Curso -TCC (2023).

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Utilizando de três Diários de Bordo², um artesanal de duzentas páginas, um artesanal de oitenta páginas e do NED³. E para cada caderno uma utilidade, o caderno com imagem de fogo, o de duzentas páginas, serviu para a parte mais teórica e estrutural, sendo: planejamento, laboratório e direção; o caderno marrom, de oitenta páginas, usado para o estudo da minha Egrégora⁴; e o do NED, para o estudo da monitoria em extensão *Circo, educação e pandemia* e das aulas dos componentes curriculares *Criação dramatúrgica* e *Metodologia da encenação*, chamando-o de “Práticas Movimentos Diário”. Compreendendo melhor qual a funcionalidade pedagógica que esse instrumento de coleta de dados tem, penso em conjunto com Éric le Coguiec, em seu texto *Ficção, Diário de campo e pesquisa-criação*, no qual afirma:

A fim de possibilitar a emergência de uma teoria dos dados empíricos e colocar de lado pré-julgamentos, pré-compreensões, co-nhecimentos anteriores, o pesquisador mantém um diário de campo, reúne notas de ateliê relativas às condições de elaboração de seu trabalho, aos métodos de criação, aos elementos técnicos, mas também notas relativas ao domínio afetivo, sem prestar tanta atenção às formas de discurso admitidas na universidade. (LE COGUIEC 2016, p, 31)

Sendo assim, aqui darei o foco ao caderno que contém costurado em si a imagem de um fogo alto, a partir dele vou analisar a trajetória que tive para montar o espetáculo *A mala Pandora apresenta: Mugiganga uma esperança!*. Sendo um roteiro vivo e que foi

² “O diário de bordo, como recurso envolto nos processos de criação e de ensino-aprendizagem em Artes Cênicas, pode apresentar grande potencial pedagógico, nos diferentes contextos educacionais: formal, não-formal e informal. Implicando a superação da ideia de transferência de conhecimento em processos de ensino aprendizagem, o diário de bordo configura-se como uma espécie de instrumento metodológico, que guarda expressões técnicas e expressivas e revelações de natureza subjetiva de seu autor, mas também reflete (sobre) práticas artísticas e pedagógicas.” (LARCHER, 2019).

³ Núcleo de Estudos em Danças de Petrolina.

⁴ “Força espiritual que resulta da soma das energias mentais, físicas e emocionais proveniente de duas ou mais pessoas reunidas em grupo” (DICIO, 2022).

e vem se modificando a cada apresentação, passando pela transmutação de *Equilíbrio*, apresentado no Sarau *O palco é nosso* (2022); *Equilíbrio e Reforma*, apresentado no projeto de extensão *Terça Cênica* (2022) e no Sarau *Halloween dos Bichos*, da Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF (2022); *Pandora Mugiganga*, apresentado no último dia do *Terça Cênica* de 2022; *Pandora Mugiganga, uma esperança!*, apresentado no *II Congresso de Extensão Universitária - CEU* (2023), da Universidade do Estado da Bahia - UNEB e no *II Seminário Internacional de Pesquisadores do Circo* (2023), da Universidade Federal da Bahia - UFBA; e *A mala Pandora apresenta: Mugiganga, uma esperança!*”, apresentado na mostra didática *Cidade Palco*, no Centro de Artes da UNEB, em Senhor do Bonfim - BA, em 13/12/2023, como parte integrante da defesa do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC, ocorrida em 15/12/2023.

A pesquisa foi iniciada a partir da construção de laboratórios individuais, voltados para uma sequência de: 1. Ritual (Oração, Tarot⁵, Baralho Cigano⁶, Astrologia, Defumação); 2. Treino (Alongamento, Aquecimento e Fortalecimento); 3. Prática (Dança, Teatro e Técnicas Circenses); e 4. Ensaio (Improvisação, Dramaturgia, Figurino, Maquiagem, Repetição e Apresentação). Esse trabalho vem sendo desenvolvido a partir de disparadores, em laboratórios que comecei a desenvolver sozinha em casa, durante a pandemia de Covid 19, em 2020, e a partir de 2021, época de início da construção da estética de Pandora e Mugiganga. Passei a ter orientações do professor Benedito de Oliveira⁷, no momento em que passo a ser monitora do projeto de extensão *Circo, educação e pandemia*.

⁵ “[...] o Tarô pode ser entendido como a rota ou roteiro de uma longa jornada em que o ser humano se depara com uma série de situações representadas por cada um dos vinte e dois Arcanos Maiores, que juntos, somam todas as experiências possíveis à existência humana - o Caminho Real.” (CAMILO, 2007, p, 5)

⁶ “O Baralho Cigano, assim como qualquer jogo de cartas, através dos seus arquétipos, envia mensagens que muitas vezes estão bloqueadas em nosso inconsciente. Extremamente valioso para o nosso dia-a-dia, como se fosse um amigo, um confidente, pode nos orientar para decisões mais acertadas e também nos prevenir dos perigos que nos cercam.” (SOUZA 2020, p, 5)

⁷ Professor, Artista-Educador, Ator, Diretor Teatral e Palhaço (DRT/SATED-BA - 3729); nome artístico (Benedito Oliveira-Benas). Doutorando em Artes Cênicas, PPGAC/UFBA (2019 - em Andamento); Graduação em Teatro (UFBA, 2020 - em Andamento), Mestre em Educação e Diversidade (MPED/UNEB, 2017); Especialista em Arte na Educação: Música, Teatro e Dança (ÚNICA, 2022), Especialista em História, Cultura Urbana e Memória (UNEB, 2012), Graduado em Pedagogia (UNEB, 2010). Professor no Curso de Licenciatura em TEATRO e Coordenador da Linha de Pesquisa: Circo e Cultura Popular e do LabCirco (Laboratório de Pesquisa e Prática em Artes do Circo) do GruPANO (Grupo de Pesquisa e Extensão em Artes Cênicas do Semiárido Brasileiro) na Universidade do Estado da Bahia - UNEB -

No primeiro laboratório de criação, já em 2022, trabalho com Ritual, Treino e Prática com Improviso. Inicialmente faço uma seleção de artistas e músicas que uso na sequência, sendo o Ritual em silêncio e a oração em canto. O Treino é acompanhado de uma música instrumental para que eu siga o ritmo da música e a Prática é feita a partir do improviso; utilizo do modo aleatório na *playlist* para a partir desse momento definir, por sensação e inspiração, quais serão as músicas utilizadas no espetáculo.

No segundo laboratório com as músicas já definidas, faço o estudo teórico das mesmas, para que possa definir pela via da criatividade, como serão os movimentos e a concepção cênica a partir da letra das músicas. Nesse momento faço apenas o Ritual e partes do Ensaio. Já no terceiro laboratório, com as músicas definidas, cortadas, e a concepção feita, é hora de pôr em prática todo o processo. Aqui, normalmente, ainda defino detalhes no dia anterior à apresentação ou no próprio dia da apresentação. Um Treino rápido e Improvisação sobre o roteiro musical pré-determinado, para que no momento da apresentação seja feito apenas, ou prioritariamente, o que foi feito anteriormente. Vale considerar que o processo não ocorre apenas nos laboratórios criativos, em espaço e tempo determinados. Eles se estendem para além de um local, passam a ocorrer durante o dia a dia, nos sonhos e trajetos que vou tomando, sendo um processo mais vivido do que projetado em espaço e tempo pré-determinados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aqui apresentarei a história de quem é Mugiganga, quais as suas personalidades, e como isso influencia e é influenciado pelo que sou, o que vivi e vivo. Sendo muitas dessas vivências passadas, fatos que ocorreram comigo que não me sinto bem em compartilhar de forma objetiva, por hora.

No conto da caixa de Pandora, após ela abrir a caixa e as coisas ruins saírem, ela a fechou novamente prendendo lá dentro a esperança, uma única virtude que se encontrava dentro da caixa. Com o tempo essa caixa rodou o mundo até que veio parar em minhas mãos. E eu ousei abrir a caixa e a esperança saiu de lá em forma de sementes, que pareciam deliciosas e resolvi comer algumas. Senti muitas dores no estômago, e isso

sempre ocorria quando me encontrava prestes a desistir, aparecia essa dor no estômago que só passava quando eu bebia água, descansava e seguia em frente. E todas as vezes que eu fazia isso algo crescia dentro de mim, e me deixava mais doce, e com sintomas de floração. Nesse tempo, veio ao meu encontro um Kimbandista⁸ muito poderoso, que me disse: “Você carrega muitas tralhas, parece que é Mugiganga.” Eu não sabia o que era Mugiganga⁹. Ele me levou aos oráculos ciganos, que me mostraram tudo. O senhor Kimbandista, me ensinou então a arte da leitura, feitiçaria, transmutação e me deu um grande e poderoso cristal.

Senti aquela energia, ela já fazia parte de mim e eu não deveria matá-la, pois era eu, era a minha esperança, que no momento que engoli aquelas sementes de Espera, eu nutri com a minha herança, de tudo que sou, fui e serei, que cresceu dentro de mim a Esperança. E agora eu deveria cuidar daquela planta, de mim. Só que eu não sabia como cuidar de uma planta de Esperança. Pensei comigo mesma: Eu sou uma pessoa prática, e está muito difícil, além do meu limite, eu desisto. Como vou cuidar de uma Esperança?

Resolvi consultar os oráculos ciganos, o tarot, a astrologia, a numerologia, Yi Jing¹⁰, espíritas, Deuses, pedras, cristais, natureza. Chamei a todos e, como os caminhos foram se fechando porque não tinham a resposta, eu fui desanimando, aceitando, desistindo, mas uma voz veio de dentro e me chamou atenção, e me mostrou um outro caminho. Mas esse caminho estava voltando para dentro de mim. Era a energia me ajudando. Me levou ao encontro daqueles que me deram o impulso para seguir, toda a minha família de sangue e seus guias, todos os meus amigos e seus guias.

⁸“Palavra kimbundo, significa mago, xamã, feiticeiro ou curandeiro como um agente social e indivíduo que lida/conversa com espíritos ou com o mundo espiritual. Designa um sacerdote do culto de origem bantu de magia e cura ancestral. Tecnicamente, *kimbando* está mais associado à prática do curandeirismo do que a prática da feitiçaria; o termo bantu adequado ao feiticeiro é *muloji*”(FEITICEIRO, 2021).

⁹Em referência à palavra “Bugiganga”, que significa, no popular, pessoa que carrega muitas tralhas, coisas, objetos.

¹⁰“O **Yi Jing (I Ching)**, o Livro das Mudanças, se apresenta como uma ferramenta capaz de nos ajudar. É conhecido como um oráculo, mas NÃO O É, porque nem diz, nem pretende dizer, o que “vai acontecer”. Ele, sim, é capaz de **diagnosticar** a situação que temos que enfrentar e de **prognosticar** a sua evolução mais provável, deixando-nos com o **livre arbítrio** de seguir ou não o caminho recomendado. Ele funciona como uma bússola para nos guiar na confusão dos eventos... e sentimentos. E para onde aponta essa bússola? Para o equilíbrio harmônico e fluido entre todos os fenômenos, em particular, entre nós e nossas circunstâncias.” (VULIBRUN et al., 2013)

E como uma rede me segurando e balançando para trás e para frente, me jogaram para além daqueles bloqueios e para cima, para que eu pudesse achar um novo caminho. E eu achei o lugar! A rede virou um elástico no meio de um galho bifurcado, e uma mão de árvore genealógica me segurou e me atirou pelo novo caminho.

E mesmo viajando muito rápido pude sentir ver e ouvir o que era aquele caminho e onde iria dar. Só que quanto mais eu seguia, mais longe daquela rede eu ficava. Até que retornei para fora. E longe da minha rede, segui meu novo caminho, longe deles. Agora minha rede é essa energia e eu, eu e essa energia, e essa energia eu, eu essa energia, e energia essa eu, e essa energia eu,

E.ESSA.ENERGIA.EU.

Quem sou eu?

A arte que cura é a arte que, num processo profundo de autoconhecimento, nos faz ver quem somos, aceitando tudo que temos e nos colocando no momento presente, para que possamos assim transmutar a nossa consciência e o nosso corpo, para o que quisermos ser. A criação de uma personagem é o resultado dessa transformação, ser personagem é estar em um estado dual de consciência plena e total. Pensamos por duas mentes, a nossa própria e a de uma personagem que chega a parecer ser a nossa também. A Palhaça e *Drag Queen* Mugiganga e sua mala Pandora representam uma pequena Esperança circense e teatral no coração/sertão do Brasil: mais corpos negros e trans - em segurança e com direitos plenos - criando e refletindo nas artes da cena.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Fernanda Julia. 2016. **Ancestralidade em cena:** candomblé e teatro na formação de uma encenadora. Salvador, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia. 239 f. il.

BOLOGNESI, Mario Fernando. **Palhaços**. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho (org.). **Introdução à pedagogia das atividades circenses** – Vol. 2. Vársea Paulista, SP: Fontoura, 2010.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. **Quando o sol aqui não mais brilhar**: a falência da negritude. São Paulo: n – 1 edições ; Editora Hedra, 2022.

Comicidade e palhaçadas negras / organizadores Chico Vinicius, Fagner Saraiva, Mafalda Pequenino. -- 1. ed. -- São Paulo : Ed. dos Autores, 2024.

FEITICEIRO, Cova de Cipriano. **Tradição de Quimbanda** - Feitiçaria Tradicional Brasileira. 2021. Disponível em: <https://www.quimbandanago.com/tradicao-de-quimbanda>. Acesso em: 19 nov. 2023.

NASCIMENTO, Leticia Carolina Pereira do. **Transfeminismo**. São Paulo: Jnadaira, 2021. Feminismos Plurais / Coordenação Djamila Ribeiro.

SILVA, Reginaldo Carvalho da. **Dionísio pelos trilhos do trem** - circo e teatro no sertão do Brasil. Curitiba: CRV, 2018.

LARCHER, L. **O diário de bordo e suas potencialidades pedagógicas**. OuvirOUver, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 100–111, 2019. DOI: 10.14393/OUV24-v15n1a2019-7. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/42646>. Acesso em: 17 nov. 2023.

LE COGUEC, Éric. 2016. **Ficção, Diário de Campo e Pesquisa-Criação** / Universidade de Québec em Montreal. Traduzido por Mônica Fagundes Dantas, Professora Adjunta/UFRGS.